

SUCESSO**A ver estrelas**

Primeiro foram Gaspar, Baltazar e Belchior, agora Nuno Cardoso Santos: se pudessem, não faziam mais nada senão olhar para as estrelas. Três reis orientais e um astrofísico nada accidental

TEXTO **ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA** / FOTO **BRUNO BARBOSA**

Não consta de nenhuma crónica nem de nenhuma lenda nem de nenhum presságio quais eram as magias que Gaspar, Baltazar e Belchior conseguiam prodigalizar, se é que o faziam, nem ninguém sabe ao certo de onde vieram e para onde regressaram aqueles reis que também eram magos e acreditavam num destino que lhes veio ao encontro numa estrela. O que se sabe é que era uma estrela: brilhava muito, vinha do Oriente, parou por alturas da Palestina como se aquela fosse uma terra prometida que um dia haveria de ser ocupada por quem não é de lá, apagou-se nessa latitude e fê-los chegar às portas de um universo minúsculo onde está o mundo todo concentrado no seu grau mais alto de subtilidade e sonho: estava uma criança a nascer, a experimentar os pulmões pela primeira vez, diz-se que no meio do gado manso, da palha e dos cuidados de quem era pai e mãe e não tinha mais ninguém a quem encomendar-se.

Nuno Cardoso Santos não é crente - está naquele limbo dos que não sabem se são ateus ou mais displicentemente agnósticos, que é como quem diz que não perde muito tempo com o assunto - mas sabe de estrelas mais do que sabiam Gaspar, Baltazar e Belchior, que só trataram de seguir uma, por um acaso de observação empírica a mais brilhante. "Pode ter sido um cometa, uma super-nova ou mais provavelmente uma conjunção de planetas", diz Nuno Cardoso Santos, licenciado em Física pela Faculdade de Ciências de Lisboa, com mestrado e doutoramento em Astrofísica, este último registado em Genebra, Suíça, sobre o estranho caso da estrela que deu novos mundos a pelo menos meio mundo e que serviu de guia de marcha aos três reis, que se calhar ficaram mágicos só por isso, por a terem seguido.

E é por isso, por saber tanto de estrelas, que o European Research Council lhe atribuiu

buiu a gestão de uma cobiçada bolsa de investigação na área da astronomia e da astrofísica. Nuno Cardoso Santos - de 36 anos, nascido em Moçambique, país que dizem ter o mais belo dos céus, e que abandonou com apenas 11 meses - quer chegar a uma coisa simples, que a imaginação que se quer eterna dos homens de todos os tempos tem procurado com insistência nunca esmorecida: à descoberta de uma forma de vida fora do planeta Terra, qualquer que ela seja e sob que capa física for. A estatística joga a seu favor: "na nossa galáxia há cem mil milhões de estrelas", que, como a nossa, o Sol, têm uma série de planetas associados. Resultado: há milhões e milhões de planetas só na nossa galáxia, sendo no mínimo disparatado pensar-se que só na Terra é que foram criadas condições necessárias e suficientes para a eclosão de vida. A finalidade do trabalho de observação das estrelas que Nuno Cardoso Santos persegue é precisamente essa: a de descobrir planetas onde a probabilidade de existir vida seja semelhante à do planeta Terra - e possivelmente menos mal-tratada. "Tenho poucas dúvidas de que existe vida noutros planetas", afirma, como se só tivesse acabado de pedir uma meia de leite morna e uma torrada com pouca manteiga; e se encontrasse um católico fundamentalista - tem a sorte de "nunca ter encontrado nenhum" - dir-lhe-ia que, acreditar na vida apenas na Terra "seria menosprezar o poder de Deus", mas isso seria só para ser cínico. Ou então foi Deus que quis ser cínico e só inventou vida neste planeta desgraçado, deixando aos outros a muito feliz condição de desabitados até à eternidade.

A vontade de escrutinar a vida alheia que eventualmente se passará a anos-luz das nossas redondezas, no meio das estrelas, está-lhe antiga no gosto: aos 16 anos, juntamente com uns amigos, construiu o seu primeiro telescópio, uma complicada conjugação de lentes acantonadas num suporte tosco, com o qual não descobriu

outra coisa que não fosse a vontade de se transformar num astrofísico. Dos amigos que o ajudaram naquela descoberta adolescente só ele acabou por seguir essa estrela que vislumbrou aos 16 anos: foi para o curso de Física porque é por aí que tudo começa e agora tem em mãos um cheque de mais de um milhão de euros para, nos próximos cinco anos e depois de contratar dois investigadores e três estudantes de doutoramento, contribuir para desenvolver o 'hardware' com que o mundo vai descobrir os mundos para além de nós. Não é só ele: o Centro de Astrofísica da Universidade do Porto (CAUP) – de que é um dos investigadores – serve-lhe de suporte à observação da variedade dos céus. Mas o centro não serve só para isso: serve para provar que a Universidade do Porto está apostada em definitivo em contribuir para a formação de um ambiente urbano propício à investigação científica por muito que a matéria com que esta queira preocupar-se não seja propriamente canónica e tradicional. Mais: serve também para provar que Portugal atingiu uma adolescência quase de maioridade no capítulo da astrofísica. “Há 30 anos era uma ciência incipiente”, afirma, uma coisa que misturava ficção científica e devaneios românticos, que obrigava quem quisesse ser astrofísico a comprar um bilhete só de ida para a NASA norte-americana. Tudo isso ficou lá para trás: um acordo a dez anos com o Observatório Europeu do Sul (ESO, que tem no Chile uma extensa bateria de telescópios do tamanho de canhões balísticos constantemente apontados às estrelas) permitiu ao país dar os primeiros passos numa ciência que não dominava. “Agora, com o país como membro efectivo do observatório desde o ano 2000, competimos de igual para igual.

De igual para igual em quê, poderia perguntar-se relativamente a uma ciência que se limita a ver no céu coisas que, algumas delas, as estrelas, já nem sequer existem? “Há alguns campos da astrofísica que não têm aplicação directa”, admite, para logo de seguida compor a coisa: “Mas o fomento tecnológico induzido pela ciência” é incomensurável, mesmo que “seja difícil de quantificar em termos de ganhos económicos”. Um exemplo simples: o sensor interno que permitiu a criação das máquinas fotográficas digitais – uma banalidade para os milhões e milhões de fotógrafos nacionais, mesmo que seja apenas com o telemóvel – apareceu por via da investigação da astrofísica e do processo de descoberta

tornado obrigatório pelas necessidades intrínsecas àquela ciência. De onde se conclui sem erro que “o retorno económico do progresso tecnológico [patrocinado pela astrofísica] é impossível de prever, mas chega no médio/longo prazo”; além disso, acredita Nuno Cardoso Santos, “a investigação científica catalisa o desenvolvimento económico”; por muito que não seja aceitável que o CAUP chegue ao gabinete de Teixeira dos Santos a pedir-lhe que largue os têxteis e passe a dirigir investimentos para a astrofísica. Ou se calhar...!

“Pode ter sido um cometa, uma super-nova ou mais provavelmente uma conjunção de planetas”, diz Nuno Cardoso Santos sobre o estranho caso da estrela que deu novos mundos a pelo menos meio mundo

Data: 19.12.2009

Título: A ver estrelas

Pub:

Weekend **Económico**

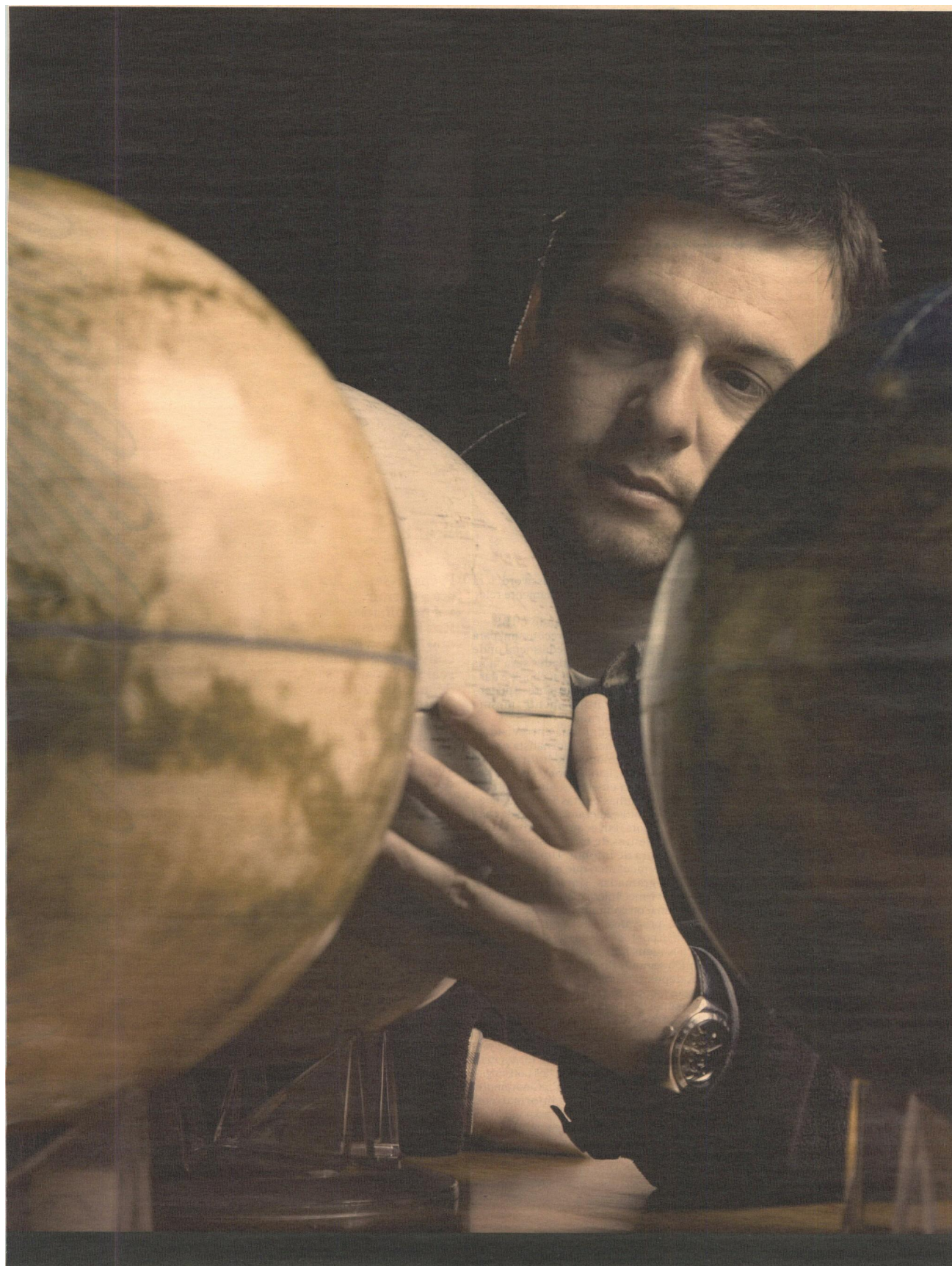
Outlook


clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 6;7



Área: 1376cm² / 69%

FOTO Tiragem: 18.769

Cores: 4 Cores

ID: 2974267